

» Não existe Fila Preto!

Acusam-me de incoerente por haver aceito a cor preta no Fila em artigo publicado nos idos de 1951 e, agora, por considerá-la impura.

Realmente naquela época escrevi o que então via pelas fazendas onde procurava Filas, cachorros bravos e com natural instinto de guarda, para proteção de minha casa e da minha coleção de pássaros.

O que entendia então sobre cães? Nada. Sabia apenas que tinha quatro pés. Qualquer cão grande e orelhudo, numa fazenda de criação de gado, para mim, era um Fila. Não havia padrão oficial da raça, logo, não teria respaldo algum se negasse pureza a qualquer detalhe somático. Os únicos, no mundo, autorizados a falar sobre Fila, naqueles tempos, eram os seus criadores, aqueles fazendeiros que chamavam a todos de cabeçudos, afirmando-os puros Filas.

Embora inteiramente leigo, já notava diferença nos poucos pretos que encontrava, tanto que nunca trouxe um sequer. Entretanto, desconhecendo detalhes ríscicos, não conseguia definir essas diferenças. Só trouxe amarelos, então lá qualificados como baios da boca negra, e rajados, lá definidos como arças. Só trouxe um branco com manchas grandes, rajadas, adquirido nas minas de ouro de Morro Velho. Esses cães eu distribuía entre os amigos, porque, naquele tempo, cachorro não se comprava, se arrumava, e eu, já inteiramente conquistado pelo temperamento e caráter do Fila, queria divulgá-lo, pois já o considerava muito superior, em utilidade, às raças então importadas.

Minha atividade divulgou-se, e as publicações especializadas, que na época nasciam e fechavam rapidamente, procuravam me, insistentemente, para transmitir minhas experiências. Foi o que fiz: relatei o que vi nas fazendas. Via pretos, embora muito poucos, e os fazendeiros garantiam que eram Filas, logo eu os repetia. Que sabia eu para contrariá-los?

Hoje, tendo ainda na memória algumas cenas daqueles poucos cães pretos, e algum conhecimento zootécnico, posso afirmar que eram Dinamarqueses sem orelhas operadas, e não filas.

Os Filas começaram a aparecer nas exposições, julgados, invariavelmente, pelo Sr. Tito Pacheco, criador de Fox Terriers de pelo Liso. Os juizes estrangeiros mostravam-se curiosos, pediam o padrão... e não havia padrão.

Adolpho Lourenço Rheingantz, então um dos grandes impulsionadores da cinofilia, presidente, por dezenas de anos do Kenel Clube Paulista, procurou-me certo dia e pediu-me para elaborar o padrão do Fila. Confessou-me o constrangimento que sentia a ser interpelado a respeito pelos juizes estrangeiros. Geralmente não confessava a inexistência do padrão e prometia traduzi-lo e remetê-lo. A hora havia chegado, pois alguns deles cobravam a promessa. E eu, moço e ousado, senti-me o salvador da honra da cinofilia brasileira, redigindo às pressas um padrão e entregando-o ao Sr. Rheingantz para que pudesse traduzir e remeter às demais nações. Assim ele o fez, não sem antes submeter meu trabalho ao Sr. João Ebner, que possuía um casal de Filas e ao Dr. Waldemar Rathsam, veterinário e entusiasta da raça.

Hoje, perdoem me a imodéstia, mas relendo aquele padrão, não me envergonho de tê-lo escrito. É um simples relato somático e mental do Fila, sem qualquer informação técnica, mas, em linhas gerais, não me envergonha.

Os anos se passaram e, numa exposição, na sede de campo do KCP (ainda havia verificação de raça para o Fila), surgiu, pleiteando registro, um péssimo Dinarmaquês, péssimo, porque de pernas curtas e com uma barbela imensa. Não recordo mais o nome do juiz, mas o registro foi negado, deixando o proprietário furiosíssimo, argumentando com a barbela como prova de pureza rácica.

Foi esse o primeiro "Fila" preto que vi numa pista. Observem que escrevo "Fila" entre aspas.

Transcorreram os anos e, certa feita, o Dr. Ênio Monte, do Canil ABC avisou-me haver adquirido, no interior, um Fila preto-azeviche. Fui vê-lo. Era um péssimo Dinamarquês. Alertei Ênio sobre o perigo dos genes vinculados à cor e dos caracteres desconhecidos que poderiam acompanhar a cor preta, mas o cão já havia sido usado. A ninhada era típica de Dinamarqueses: todos fininhos, pernaltinhas, magrinhos, pretinhos. O Dr. Ênio não teve dúvida, vendeu todos para o Rio. Não sem antes registrar a ninhada, com todos os filhotes recebendo nomes iniciados com letra "Y"

Ainda mais tarde o mesmo Dr. Ênio Monte, avisou-me da aquisição de outro preto, mas de uma ninhada com vários irmãos rajados, o que afiançaria sua tipicidade.

Lembrei a Ênio Monte que o Dinamarquês, também tem pelagem rajada e o problema da recessividade, ou seja, cães rajados, com ascendentes pretos, poderão

certamente produzir filhos pretos; assim sendo, mesmo os irmãos rajados desse cão poderiam produzir pretos. A cor, portanto, não era essencial e sim os demais caracteres somáticos que a acompanhavam.

Foram estes os únicos pretos que conheci, envolvidos com a raça Fila.

Depois, afastei-me da cinofilia. Agora, ao retornar, deparo com esse quadro desolador: pretos em grandes quantidades, que se dizem Filas. Pela quantidade não podem ter sido produzidos por aqueles dois.

Insisto num ponto: os caracteres somáticos vinculados à cor preta é que confirmam a origem ilegítima do cruzamento com Dinamarqueses:

- a) tipo geral longilíneo;
- b) figura quadrada;
- c) pernaltas;
- d) tórax estreito;
- e) ombros deslocados para a frente;
- f) falta de antepeito;
- g) ventre esgalgado;
- h) pescoço comprido;
- i) cabeça estreita e comprida, mas, vista de perfil, com boa profundidade;
- j) orelhas pequenas, finas, de inserção alta;
- k) pele esticada;
- l) temperamento fraco.

Nem todos reúnem a totalidade desses detalhes, pois foram cruzados com Filas, numa extensão maior ou menor, mas alguns desses caracteres sempre estarão presentes.

Para melhor compreensão, lembramos que o mesmo ocorre entre humanos: acompanhando a cor negra, são transmitidos outros caracteres a ela geneticamente vinculados:

- a) cabelo crespo;
- b) testa curta;
- c) nariz chato e largo;
- d) orelhas pequenas;
- e) lábios grossos;
- f) voz pastosa;
- g) crânio pequeno;
- h) ombros largos;
- i) tórax largo mas chato;
- j) penas compridas;
- m) pés chatos;

n) calcanhares salientes.

Nem todos os negros apresentam esse conjunto de caracteres, mas eles sempre estarão presentes, em número tal que afastará qualquer dúvida sobre sua pureza rática; ou mesclados com outros, de outras raças, esses caracteres sempre constituirão prova de mestiçagem.

Em suma, esses caracteres presentes, em número maior ou menor, em cada indivíduo, informam sobre a mestiçagem. Pouco importará a presença, concomitante, de caracteres de Fila. A constatação, num mesmo indivíduo, de caracteres de raças diversas prova, insofismavelmente, a miscigenação.

Em Belo Horizonte trouxeram-me, para a pista, um cão rajado, com manchas arlequins na cabeça, e outro preto-azeviche, mas com o tórax arlequim. Como a única raça canina no mundo, com pelagem arlequim, é o Dinamarquês, não foi preciso consultar o Prof. Procópio do Vale para saber que eram " Filamarqueses".

Resumindo, Fila puro, preto, não existe. Mestiços de Fila com Dinamarquês têm alguns dos caracteres enumerados e a cor é preto-azeviche, lustrosa.

Mestiço de Fila com Mastim Napolitano também pode nascer preto, mas a cor é preto-ardósia e os caracteres são estes outros:

- a) tipo fortemente brevilineo (atarracado);
- b) figura retangular longa;
- c) pernas curtas;
- d) tórax largo e de rede;
- e) ventre esgalgado;
- f) muita barbela ou papada;
- g) crânio muito largo;
- h) orelhas de inserção alta;
- i) stop abrupto, formado pelo frontal (testudo);
- j) parótidas inchadas;
- k) focinho curto, de profundidade maior que o comprimento;
- l) rima labial em ângulo agudo;
- m) mordedura em torquês ou apresentando prognatismo inferior;
- n) expressão cansada, aborrecida, quase sempre ofegantes.

Repito: a existência desses todos ou de alguns desses caracteres, prova a mestiçagem, porque eles não poderiam, sem miscigenação, aparecer numa raça que não os tem.

Portanto, quando leio anúncios de ninhadas de Filas pretos, sinto uma grande pena do criador: ele está tão por fora como eu em 1950/51, ou então é um grande desonesto.

O que teria acontecido de tão drástico na raça Fila capaz de levar a mim e tantos outros criadores a repudiarem o preto?

A resposta é simples: ocorreu a mistura sem controle e ilegal de cães de Fila com cães de outras raças. Durante 20 anos, de 1950 até 1970, praticamente não se tem registro de exemplares pretos. A própria Natureza nos doou o Fila, selecionou-o em sua total maioria em todos os tons de amarelo e rajado, somente (além do malhado, em menor número).

Entretanto, curiosamente, o malhado, o cinza rato, o cinza azulado, o arlequim e principalmente o preto, começaram a aparecer como num passe de mágica em meados de 70. Primeiro foram os malhados, que tinham, entretanto, uma profunda diferença em relação a seus antepassados: os malhados da década de 50 eram geralmente de fundo branco puro com malhas rajadas, enquanto agora há cães com malhas iguais à do São Bernardo, cabeça enorme e temperamento comprometedor... são os mestiços com pedigree falso de Fila provenientes de cruzas de Filas com São Bernardo.

Há também os cinzas cor de rato, também com cabeça enorme, arredondada, com barbela e temperamento nervoso. São os mestiços, com pedigree falso de Fila, proveniente de cruzas de Filas com Mastim Napolitano. Entretanto, para infelicidade dos misturadores; esta coloração não caiu no agrado do grande público. Ainda não era a cor desejada, que ajudaria a tomar a criação de Fila um grande comércio sem notas fiscais e sem Imposto de Renda.

Os misturadores descobriram então o preto, que eu apelidei de filamarquês, que como o nome já demonstra são os mestiços com pedigree falso de Fila, que não passam de vira-latas, provenientes de cruzas de Filas com Dinamarquês preto. São geralmente pernaltas, quadradões, ventre alto, pescoço comprido e fino, sem barbelas, sem pele solta, de temperamento fraco e...pretos! Há também os cães preto-ardósia, provenientes de cruzamentos com o Mastim Napolitano.

É justamente pelo reaparecimento irreal destas cores falsamente fabricadas pelos misturadores que eu e muitos

outros criadores negamos totalmente sua validade. Infelizmente, a década de 70, a nossa década, é a década da grande predação em nossa raça e do aparecimento de um imenso número de vira-latas com pedigrees falsos de Fila emitidos e assinados pelo Brasil Kenel Clube.

Não cabe neste artigo comentar as misturas e os misturadores, bem como de que maneira envolveram e ainda envolvem o BKC. Isto já foi por mim amplamente exposto em minha Carta Aberta datada de 3.8.1978, mas algumas daquelas perguntas ainda aguardam resposta: Por que será que estes cientistas, que conseguiram fabricar a cor preta nunca vieram a público relatar esta descoberta, e como chegaram a ela? Por que, ao invés de vangloriar-se desta maravilhosa descoberta, se escondem?

Por que persistem em inventar falsas teses sobre a formação de nossa raça que justifiquem o produto de seus canis, isto é, o mestiço que venderam e ainda vendem para centenas de compradores ludibriados que têm, portanto, o direito de reaver seu pagamento de volta?

Agora mesmo acabo de receber carta do Club Fur Molosser, da Alemanha, denunciando o nascimento de um "fila" arlequim. Resta perguntar aos misturadores que desta forma desmoralizam internacionalmente nossa raça: será que o "filamarquês arlequim se tornará em breve o produto nobre oferecido pelos misturadores com mais alto preço no mercado?

O Fila da década de 70 têm necessidade de sobreviver. Sobreviver à predação a ele imposta pelos criadores inescrupulosos; sobreviver à omissão do BKC, que não toma as atitudes necessárias à perpetuação de nossa raça; sobreviver a esta mistura sem controle, que altera a mente e o físico do nosso Cão de Fila, moldados pela Natureza nos dois últimos séculos; sobreviver aos fabricantes, fazendeiros e comerciantes de Fila que transformam a única raça brasileira numa enorme feira-livre, onde os cães não são criados no convívio da família, mas confinados em jaulas; onde os cães não são criados por amor, mas por dinheiro.

O Fila necessita ter urgentemente um novo Padrão, extremamente severo, redigido por criadores de Fila e não por criadores de Mastiff, Mastins e Dinamarqueses, como ocorreu com o segundo padrão da raça elaborado pelos misturadores durante o Simpósio de Brasília. Nosso Fila necessita ainda urgentemente de um rígido esquema de seleção (ver minha Carta Aberta 3.8.1978), de tal forma montado que com o passar do tempo afastaríamos para sempre os mestiços, tornando automaticamente cada vez

maior o número de Filas Puros.

E justamente por toda esta farsa que a CAFIB aceita apenas todas as tonalidades de amarelo (também com máscara e orelhas pretas), o rajado (de listas finas e pretas, sem formar manchas), os brancos malhados (malhas tigradas). Este é o Fila puro que herdamos da Natureza e dos nossos antepassados, o Fila puro que criadores desonestos, por ignorância e interesses comerciais, estão depredando. Basta de sotaque inglês, napolitano e dinamarquês!

* Paulo Santos Cruz

(Ex-Presidente da Cafib, considerado "o pai da raça Fila" em texto extraído do jornal "O Fila" ano I, nº 7, de junho de 1.979, transcrito, com autorização do presidente da Cafib, ano 2003, Dr. Fernando Zanetti)